

Brasileiros no exterior e cidadania (1980-2005)

*Igor José de Renó Machado*¹

Resumo

Este texto pretende discutir a experiência de migração internacional brasileira entre a década de 1980 e a primeira metade da década de 2000. Não se trata de uma resenha exaustiva sobre essa produção bibliográfica e sim uma reflexão sobre os principais problemas, dramas e dificuldades enfrentados por nossos compatriotas que tentam a sorte no exterior. O eixo da análise é a questão do acesso à cidadania por parte desses emigrantes em seus diversos contextos nacionais de emigração.

Palavras-chave: Emigração brasileira; cidadania; estereótipos; gênero; trabalho.

Brazilian immigrants abroad and citizenship (1980-2005)

Abstract

This paper intends to list several questions about the Brazilian international migration experience between the 1980s and the first half of the decade of 2000. It is not an exhaustive review of the literature but, instead, a reflection on the major issues, dramas and difficulties faced by our fellow citizens who have emigrated. The axis of the analysis is the question of access to citizenship by these migrants in their various national contexts of emigration.

Keywords: Brazilian emigration; citizenship; stereotypes; gender; work.

¹ Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos – PPGAS. Universidade Federal de São Carlos UFSCar. Investigador colaborador do Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas (CEMME) no qual atua no Núcleo de Estudos Brasileiros (NEB). Universidade Nova de Lisboa / Portugal.

Introdução

Este texto pretende elencar uma série de questões sobre a experiência de emigração internacional brasileira entre a década de 1980 e a primeira metade da década de 2010. O recorte temporal se deve a uma tentativa de sistematizar as questões principais levantadas pela bibliografia até aquele momento, quando a produção começa a aumentar e se diversificar exponencialmente. É a partir do final da década de 2000, também, que vemos crescer processos de retorno de emigrantes brasileiros, tornando ainda mais complexo o quadro migratório.² Não se trata de uma resenha exaustiva sobre essa produção bibliográfica³ e sim uma reflexão sobre os principais problemas, dramas e dificuldades enfrentados por nossos compatriotas que tentam a sorte no exterior a partir da leitura da já extensa bibliografia sobre o tema. O eixo da análise é pensar o acesso à cidadania por parte desses emigrantes em seus diversos contextos nacionais de emigração.

Um pressuposto básico da análise é que os diferentes contextos de imigração produzem respostas diversas aos problemas de integração, emprego, educação, saúde e discriminação a que estão sujeitos os trabalhadores migrantes. Entretanto, os problemas em si não são muito distintos, mesmo considerando-se a enorme diversidade de lugares para onde os brasileiros emigram.⁴ Nesse

² Ver, sobre isso, FERNANDES e CASTRO (2013), NUNAN e PEIXOTO (2013), HIRANO (2008), FUSCO e SOUCHARD (2015), SIQUEIRA (2009).

³ Para uma resenha sobre a produção acadêmica brasileira sobre a emigração internacional de brasileiros, ver ASSIS e SASAKI, 2001.

⁴ Os números sobre a emigração internacional brasileira são muito incertos – estimativas indiretas são feitas para estipular números factíveis, mas a todas elas o fenômeno da imigração parece enganar. Não é por menos que os números variam. Barreto (2001, 64) avaliava em cerca de 1.000.000 o número de emigrantes em 1996. Carvalho et al. (2001, 248) estipulavam um número em torno de 1.115.000 emigrantes, a partir de cuidadosos procedimentos estatísticos. Oliveira (2001, 261), demógrafo do IBGE, por sua vez, levantava o número de 1,3 milhões de emigrantes em 1991. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) divulgava números bem mais expressivos para o ano de 2000: 1.887.893, entre legalizados e aqueles em situação “a ser legalizada”, sem especificar como foram

sentido, a questão dos imigrantes brasileiros indocumentados é a mais relevante a ser considerada. Em todos os contextos de imigração (com exceção do Japão) o número de imigrantes brasileiros em situação de indocumentação – questão tratada pelas autoridades dos respectivos Estados-Nação como “ilegalidade” (DE GENOVA, 2002) – é muito relevante. Essa questão torna-se dramática para uma reflexão sobre o acesso à cidadania, uma vez que esses brasileiros indocumentados são, na verdade, não-cidadãos, na medida em que estão praticamente excluídos dos acessos a serviços importantes (saúde, previdência, educação), vivem sob constante medo da denúncia, são impedidos de ir e voltar do Brasil, têm o trabalho superexplorado, são muito mal remunerados e, por fim, convivem com a discriminação que recai sobre os “ilegais” (CALVALCANTI, 2005).

Uma outra questão deve ser ressaltada: a diferença temporal entre a produção dos diversos trabalhos aqui analisados. As monografias sobre brasileiros no exterior começaram a surgir a partir do começo da década de 90 do século passado, e o número cresceu exponencialmente até a data presente. Há uma diferença evidente, entretanto, entre aquelas primeiras etnografias e aquelas que se apresentam recentemente: a situação dos brasileiros imigrantes tem piorado sistematicamente, seja pelo aumento exponencial da migração internacional de brasileiros no período, seja pelo enorme endurecimento das legislações sobre a imigração nos diversos países para onde os brasileiros partiram. Destacam-se nesse cenário a severidade atual das leis europeias, o fechamento das fronteiras norte-americanas, bem como o aumento da vigilância sobre os indocumentados neste mesmo país. No começo da emigração as legislações e a fiscalização das polícias responsáveis pela imigração eram mais flexíveis, possibilitando aos imigrantes um número maior de estratégias de sobrevivência. Recentemente as restrições legislativas e policialescas dificultam

feitos os cálculos. Quaisquer que sejam os números corretos, o fato é que todos eles denunciam um fenômeno expressivo.

imensamente a vida desses brasileiros. Some-se a essas novas dificuldades a falta de uma assistência efetiva do Estado Brasileiro no que tange à garantia da cidadania desses emigrantes.⁵

A bibliografia brasileira e internacional sobre o assunto produziu trabalhos sobre a imigração brasileira em suas 5 principais opções de escolha⁶: Paraguai, Estados Unidos, Japão, Itália e Portugal. Entretanto, a distribuição dos trabalhos entre os países é desigual. Japão e Estados Unidos são, de longe, os lugares onde brasileiros são mais conhecidos. Paraguai, Portugal e Itália contam com alguma produção, mas nem de longe comparável aos trabalhos sobre brasileiros no Japão e Estados Unidos. Os trabalhos sobre brasileiros nos Estados Unidos concentram-se na costa leste, principalmente na área de Boston, mas também há trabalhos sobre brasileiros em outras localidades. Os trabalhos sobre brasileiros no Japão dividem-se entre cidades como Oizumi, Toyota, Tóquio etc. Há a peculiar característica desse objeto de pesquisa ser de grande interesse de intelectuais americanos, a maioria de nipo-americanos, contando com uma expressiva produção bibliográfica sobre os dekasseguis brasileiros.⁷ Outros trabalhos tratam sobre brasileiros em Buenos Aires, Lisboa, Porto, Roma, Suíça, Itália, Canadá e demais países da América Latina.

Essa produção é fortemente interdisciplinar, tendo sido produzida por sociólogos, demógrafos, antropólogos, geógrafos, psicólogos, economistas e jornalistas. O resultado dessa dispersão acadêmica é uma grande variedade de abordagens sobre os mesmos temas, por um lado, e o privilégio de determinadas questões, segundo a área de filiação. Há também certa tendência

⁵ Para fins didáticos, entretanto, tratarei de todos os textos aqui analisados numa única chave temporal, a fim de estabelecer comparações com diversas migrações de brasileiros que, circunstancialmente, foram estudadas em momentos distintos.

⁶ Um levantamento bibliográfico expressivo, mas não completo, é apresentado como anexo.

⁷ Ver, por exemplo, LINGER (2001); ROTH (2002); TSUDA (2003, 2003b, 2000, 1999a, 1999b, 1999c); YAMANAKA (1996).

endogâmica em termos de citações, ou seja, tende-se a dialogar mais com os companheiros de disciplina, o que é bastante compreensível. Por outro lado, a existência de grupos de pesquisa estabelecidos e voltados para a análise de problemas relacionados à imigração produziu uma discussão mais ampla, como é o caso de grupos sediados no Nepo/Unicamp e no CEMI/Unicamp, por exemplo. Sem uma preocupação em discutir especificamente o caráter e qualidade dos textos, tarefa para um outro momento, procurarei enumerar os principais dilemas dos emigrantes internacionais brasileiros e propor algumas reflexões sobre eles.

Os principais dilemas dos brasileiros em relação ao acesso aos direitos da cidadania nos diversos países de escolha podem ser inseridos, segundo a minha leitura, em três categorias: Trabalho e legalidade (acesso a serviços, saúde, educação, remessas, fragilidade legal, fragilidade emocional, solidão cultural, problemas com os filhos, saudades, dependência de igrejas, pouco associativismo), discriminação social (fixação em lugares baixos na hierarquia social, dificuldades de adaptação, discriminações variadas) e reformulações de relações de gênero (mudança de papéis entre homens e mulheres, independência feminina, separações, casamento com estrangeiros). De certa forma, o primeiro termo dessa série de tópicos, o Trabalho, pode englobar todos os demais temas, dada a sua inevitável centralidade em todos os textos sobre esses recentes fluxos de brasileiros. Todas as questões relacionam-se com o acesso aos postos de trabalho, com o tipo de trabalho, com os resultados de jornadas muito extensas de trabalho, com os efeitos de serem identificados com certos tipos de trabalho etc.

Outro dilema importante, mas menos tratado pela bibliografia, é a própria questão da entrada no país estrangeiro. Com o aumento das restrições à entrada de estrangeiros nos EUA e o aumento do rigor no controle de entrada nos países europeus (FELDMAN-BIANCO, 2000a, 2001c, 2002), o controle das fronteiras passa a ganhar uma dimensão muito importante. Nesse contexto, muitos brasileiros são, cada vez mais, barrados. Margolis indica

como aumentou exponencialmente o número de negativas às solicitações de visto para os EUA no pós 11 de setembro, o que tornou a passagem pela fronteira México-EUA a única solução para muitos dos imigrantes. Ela indica que houve um aumento de mais de 100% nas detenções de brasileiros tentando cruzar a fronteira. Em 2003, 5008 brasileiros foram detidos nessas situações. Entre 1999 e 2003, o aumento no número de detenções foi de 926% (CARIELO, 2004). Apenas em abril de 2005, 4802 brasileiros foram detidos na fronteira mexicana (MAISONNAVE, 2005).

No caso europeu, a situação dramática ocorre sempre nos aeroportos de entrada, pois não é necessário visto para a entrada na União Europeia, por exemplo. Mas diversas fontes indicam um crescimento também exponencial de impedimentos à entrada de imigrantes brasileiros. Em Portugal, principal destino dos brasileiros na Europa, o aumento das restrições à entrada dos brasileiros foi discutido por Feldman-Bianco (2001a e b) e Machado (2005, 2004b, 2009), por exemplo. Nota-se um aumento das restrições, que são codificadas em geral em termos raciais: negros e mulatos têm mais dificuldade de entrar que brasileiros brancos. A restrição é ainda mais intensa às mulheres negras e mulatas⁸, associadas pelos agentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal à prostituição. A importância dessas restrições é tão grande que as rotas de entrada dos brasileiros em Portugal têm mudado, sendo feita por terra após a aterrissagem em algum outro país da União Europeia que não esteja tão preocupado com a imigração brasileira.

Se por acaso fosse necessário resumir os dramas brasileiros no exterior em uma palavra, esta seria “trabalho”. Para a organização deste texto, adotei 3 categorias (trabalho, representação e

⁸ A questão da raça entre os imigrantes brasileiros é muito pouco estudada, motivo pelo qual ela está ausente deste texto como um tópico relevante. São poucos os trabalhos que se debruçaram sobre este tema tão importante. Porém, algumas pesquisas têm procurado dar atenção para o tema (ver MACHADO 2003; FELDMAN-BIANCO 2001a; MARTES e FAZITO 2004).

gênero) como forma de sistematizar diferentes dimensões da vida do imigrante, incontornavelmente centrada na experiência do trabalho. Se a ênfase aqui será dada nos diversos processos de empecilhos à conquista da cidadania, não é de se descartar os aspectos positivos da experiência migratória. Esses também podem ser resumidos em poucas categorias: 1) a transformação do lugar da mulher na relação entre brasileiros, ou seja, uma reação ao machismo; 2) a possibilidade de acumulação de dinheiro (novamente, remessas), a ajuda aos lugares de origem; 3) uma possibilidade de melhor vida para os filhos. Tocarei nesses assuntos a partir das relações com as dificuldades que, neste momento histórico, ainda são maiores que os aspectos positivos na emigração internacional brasileira. Passemos então aos problemas que marcam a experiência da imigração brasileira.

Trabalho

Todo emigrante precisa de trabalho. Essa é a primeira preocupação de quem chega em terra estrangeira. Em geral, o trabalhador está *a priori* numa situação de dificuldade, por ter acumulado dívidas para realizar a viagem.⁹ Essa situação primeira de urgência, agravada pelo fato comum das dívidas envolverem a parte da família que ficou no Brasil, estabelece já nos primeiros momentos da migração uma situação de fragilidade que será explorada por empregadores: a necessidade de aceitar qualquer proposta de trabalho para saldar dívidas acumuladas, para remeter imediatamente dinheiro para parte da família que ficou sem amparo no Brasil, para sustentar-se numa terra completamente estrangeira.

Ribeiro (1998) chamou essa situação de “vulnerabilidade”, que é um termo bastante preciso para definir a experiência migrante nesses primeiros momentos de adaptação. A vulnerabilidade

⁹ RIBEIRO, 1999; ASSIS, 1999; MACHADO, 2003, entre outros.

aumenta com outras variáveis tão importantes quanto às dívidas iniciais. O principal elemento é a situação de legalidade ou ilegalidade dos trabalhadores. Um imigrante indocumentado é sempre mais vulnerável que um migrante legal. E a grande maioria dos emigrantes internacionais brasileiros está em situação ilegal, com exceção daqueles brasileiros no Japão.

Ao chegar com vistos de turismo e ao exceder o tempo autorizado de permanência (GOZA 1999, 2003) ou ao entrar ilegalmente nos países, os trabalhadores colocam-se numa situação de extrema vulnerabilidade: não têm acesso a direitos trabalhistas, quase sempre trabalham por valores muito inferiores aos salários mínimos locais, estão sujeitos às denúncias, fazem jornadas de trabalho desumanas, podem não receber pelo trabalho etc. A questão básica é a relação de inferioridade em relação ao empregador. De certa forma, a imigração cria, nos países centrais, uma ultraexploração do trabalho.

Essa situação é variável conforme o país de escolha do migrante: Nos EUA, a ilegalidade significa uma dependência muito grande de *brokers*, brasileiros ou não, que exploram violentamente esta mão de obra, por exemplo (RIBEIRO, 1998, 1999; SALES, 1999a; MARTES, 1999b). Mas a vulnerabilidade é contraposta à solidez das redes familiares e de amizade que o emigrante tem no país de escolha (ASSIS 1999, MARGOLIS, 2003). Contando com familiares e amigos, a possibilidade de escapar da ultraexploração é maior, pela circulação de informação, de oportunidades, de ajuda etc. Mas isso não significa escapar de um lugar subalterno no mercado de trabalho, que parece ser um limite estrutural à emigração brasileira nos EUA (SCUDELER, 1999). Segundo Mitchell, entre os brasileiros em Boston, tem sido notada a rivalidade e denúncia mútua às autoridades de imigração. Isso sugere, que “a comunidade de imigrantes começa a atingir estabilidade nos EUA, mas ainda contempla muitos trabalhadores pobres e sem qualificação. A competição por trabalho é então aguda, e obrigações mútuas tradicionais têm começado a erodir.” (MITCHELL,

2003, p. 42). Jesus (2003, p. 105) indica, também, que a exploração de brasileiros por brasileiros é uma constante na experiência de imigrantes em Boston.

Para Margolis (2003, p. 59) há uma falta de sentido de comunidade e de organizações de base comunitária entre os brasileiros nos EUA. Isso devido à ideologia da busca por quantidades planejadas de capital, ou seja, a prática daquele imigrante que trabalha muito para acumular uma quantidade planejada de capital e depois voltar para casa (GOZA, 2003). Por outro lado, a maioria dos imigrantes brasileiros nega seu status de imigrante. Assim, como consequência, entre as comunidades migrantes brasileiras em Nova York, sul da Flórida e Boston (em menor extensão), há uma ausência de organizações comunitárias.

Essa falta de solidariedade é vista em processos de discriminações internas, em que uma oposição identitária é construída em relação a um Outro que não é a sociedade de recepção, mas sim um “outro” brasileiro visto como ignorante, caipira etc. Vários autores mencionam esse processo de um “fantasma interno” (MARGOLIS, 1994, 2003; SALES, 1999b; MARTES, 1999). Também os próprios imigrantes denunciam essa falta de solidariedade, com representações comuns de que os brasileiros não têm solidariedade e não são confiáveis (MARGOLIS, 2003, p. 60). Outra explicação para um fenômeno parecido, agora entre os imigrantes brasileiros em Portugal, é oferecida por Machado (2003, p. 187): são os mecanismos internos de disputa política – chamados de jogo da centralidade – que articulam um afastamento sistemático de brasileiros em condições desfavorecidas neste processo. Os brasileiros longe da esfera do poder dos intermediários são considerados como menos brasileiros e, por isto, lhes são atribuídas características que não são brasileiras, segundo as definições nativas. Nesse processo quem acusa o Outro “interno” de menos brasileiro, ao mesmo tempo, se proclama mais brasileiro, o que lhe concede mais centralidade e, dada a situação interna de disputas políticas, mais poder.

Há formas distintas de perceber a falta de organização da comunidade, quer se olhe para os processos internos de construção das diferenças, quer se adote a perspectiva da sociedade que recebe os migrantes. O processo narrado por Machado da conta de explicar porque, nos EUA, segundo Margolis (2003, p. 60) “[d]iferente de hoje, segundo os informantes, as relações eram melhores ‘nos bons e velhos tempos’ quando a imigração ainda era recente e as comunidades brasileiras eram menores.” Para Machado (2003, p. 136/137), a valorização dos “bons tempos do passado” é uma estratégia retórica de centralidade (quem fala esteve presente nos bons tempos e, portanto, tem mais capital cultural).

Para Margolis (2003), isso decorre de uma falta de mentalidade étnica, ou seja, a incapacidade de se confrontar com o Outro da sociedade hospedeira, no caso, o americano. Essa falta de etnicidade deve-se a uma identificação positiva com a sociedade americana. Martes (2001) defende a ideia de que há uma “frágil organização de interesses econômicos na comunidade brasileira” (*Apud* MARGOLIS 2003, p. 61). Decorre desse desencontro a ideia de que os brasileiros apresentam uma identidade confusa, perdida entre preceitos de classe e étnicos:

“O tema da comunidade está vinculado a uma segunda questão que é crítica para a compreensão dos imigrantes brasileiros nos EUA: a identidade étnica. A construção de identidade entre imigrantes brasileiros surge como parte do que eu chamo de uma perspectiva “não somos como eles”, uma posição que também tem sido notado por outros pesquisadores que estudam comunidades brasileiros em Boston e no sul da Flórida. “Não somos como eles” se refere tanto à etnicidade quanto à classe social, isto é, “o outro” pode ser outros grupos de imigrantes, mais frequentemente hispânicos, ou outros brasileiros, que são supostamente de um **status** social mais baixo e têm menos escolaridade.” (MARGOLIS, 2003, p. 62).

Temos, assim, uma confusão étnica, complicada pelo fato de que os americanos não percebem o Brasil como diferente dos

demais países “hispanicos”. Ao mesmo tempo, há fortes indícios de que as “comunidades brasileiras” nos EUA são o núcleo de socialização das crianças de uma “segunda geração”. Como indica Menezes, “por meio dos membros dessa comunidade brasileira [no caso os brasileiros em Danbury, Connecticut], essas crianças percebem, ponderam e formulam em suas mentes o que é o Brasil...” (MENEZES, 2003, p. 163, ver também SALES, 2001).

Na Europa, os trabalhos sobre Portugal (MACHADO, 2003; FELDMAN-BIANCO, 2002, 2001), Inglaterra (TORRESAN, 1997) e Itália (BÓGUS e BASSANEZI, 2001) indicam a mesma vulnerabilidade dos trabalhadores indocumentados e a mesma ocupação de lugares subalternos no mercado de trabalho, com alguma exceção para o caso de Portugal (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2007). Portugal tem a particularidade de ter recebido o que se pode chamar de uma “classe média” brasileira (TORRESAN, 2004), que foi mais relevante na década de 80 e foi posteriormente suplantada em termos numéricos por imigrantes brasileiros pobres (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2007). As redes de exploração ativa do trabalho imigrante como um “quase trabalho escravo” são muitas e vários são os relatos de situações flagrantes de semiescravidão pelos mercados europeus.¹⁰ O drama é aumentado pela presença de máfias especializadas em explorar o trabalho de migrantes indocumentados, principalmente na construção civil (MACHADO, 2005).

No Japão, a situação é diferente, pois os migrantes já entram em situação legal (KAWAMURA, 1999) e têm algum amparo legal que diminui a vulnerabilidade em relação à emigração para Europa e EUA. Porém, essa legalidade temporária é concedida apenas a descendentes de japoneses e seus cônjuges (se não forem descendentes), limitando a possibilidade de escolha de quem não tem relações consanguíneas ou de afinidade (casa-

¹⁰ Ver BERETS (2004) para situações na Inglaterra e OLIVEIRA (2004) para situações em Portugal.

mento) com descendentes de japoneses. Isso não quer dizer que não haja superexploração de trabalho por empreiteiras que contratam a mão de obra imigrante e a “repassam” para indústrias maiores. Kawamura (2001, p. 400) demonstra como redes de empreiteiras japonesas com representantes brasileiros no Brasil foram apontadas como geradoras de problemas trabalhistas com imigrantes brasileiros, utilizando-se de métodos escusos de contratação. Rossini (2000) indica também a situação de brasileiros que ficam à margem dos benefícios sociais, sem ter a quem recorrer em casos extremos, como os de acidentes de trabalho. Tsuda (1999) e Kawamura (2001) indicam como as empreiteiras japonesas lucram com a intermediação do trabalho, já que cobram muito caro para oferecer o trabalho aos contratadores japoneses, ao mesmo tempo em que pagam muito pouco aos imigrantes trabalhadores que agenciam.

Na emigração brasileira para América Latina, outra ordem de problemas relaciona-se ao diferente perfil dos brasileiros migrantes. O maior problema é aquele relacionado aos pequenos agricultores brasileiros que buscaram uma alternativa no Paraguai, fugindo dos problemas fundiários causados pela estrutura de divisão da terra no Brasil, em termos gerais, e por conta dos problemas específicos surgidos no processo de construção de Itaipu. No Paraguai os emigrantes brasileiros estão sujeitos a todos os tipos de vulnerabilidade: violências físicas direcionadas às famílias, invasões de terra por agricultores paraguaios, corrupção dos órgãos encarregados de controlar a imigração no Paraguai etc. (SPRANDEL, 1992; PALAU, 2001).

A situação é tão complicada que mesmo os imigrantes em situação legal foram acossados pela corrupção da burocracia que, entre outras arbitrariedades, não entrega os papéis e não reconhece os títulos de posse de terras dos brasileiros. Essa situação extrema de fragilidade levou, durante a década de 80, ao retorno em massa de brasileiros emigrados no Paraguai, agora chamados e autointitulados “brasiguaios”, que no Brasil passa-

ram a fazer pressão para terem acesso a terras. Brasileiros na Argentina têm também seus problemas na região de Misiones, onde habitam áreas destinadas à preservação ambiental e despertam a desconfiança do governo argentino. Como pequenos agricultores, estão fora do sistema de grande produção agrária ligada aos pampas e não recebem nenhum apoio para desenvolver a agricultura de baixa produtividade e de bens periféricos ao sistema argentino (SPRANDEL, 2002).

Também a Guiana Francesa recebe muitos emigrantes brasileiros, principalmente do Amapá e Pará (AROUCK, 2001). É uma migração urbana, ao contrário da migração para o Paraguai, e os brasileiros concentram-se na construção civil. Montou-se um esquema de subempreiteiros brasileiros que exploram o trabalho de brasileiros recém-chegados. As dificuldades legais são semelhantes às dos brasileiros em Portugal: para legalizarem-se precisam da *carte de séjour*, que só pode ser adquirida através de um empregador local (idem, p. 341). Ou seja, a mão de obra imigrante indocumentada fica ainda mais fragilizada, pois depende do empregador para obter a legalização. Essa fragilidade significa mais insegurança e exploração do trabalho. Em Portugal, a figura do “contrato de trabalho” equivale à *carte de séjour*, e a legalização temporária do imigrante indocumentado só é concedida mediante a apresentação deste documento oferecido pelo empregador. Muitos casos de venda de contrato de trabalho, de não-pagamento de salários, de denúncias por patrões são relatados (MACHADO, 2003). A semelhança não é gratuita, uma vez que a legislação portuguesa tende a se aproximar dos padrões estabelecidos pela União Europeia e, uma vez que a Guiana Francesa é um departamento francês – submetido às legislações francesas que tendem a se aproximar do modelo da União Europeia – percebe-se o motivo da similitude.

A situação de acesso à legalidade na Europa vem acompanhada de uma fragilização da situação do trabalhador. As novas legislações europeias, como a da Itália, Espanha e Portugal, por

exemplo, caminham no mesmo sentido: a criação de uma nova figura legal, algo como uma permissão de permanência por tempo limitado. Essa figura é distinta da tradicional autorização de residência que tem caráter mais definitivo e menos incerto. Em todos esses países a figura de uma legalização temporária está ligada à necessidade de apresentação de contrato de trabalho. Ou seja, o imigrante depende de seu patrão para estar numa situação de legalidade transitória, que pode ser retirada caso o migrante perda seu contrato de trabalho. Embora as legislações variem, todas pressupõem um tempo máximo de legalização temporária mediante a apresentação sucessiva (ao longo dos anos de permanência permitida) de contratos de trabalho.

Assim, abre-se mão de um processo de legalização focado no trabalhador para um focado no empregador. As consequências desse processo são óbvias e parte da literatura vem indicando como a fragilização do imigrante legal corresponde a uma forma de não-inserção. Outro lado nas novas legislações europeias é o aumento considerável das multas aplicadas aos imigrantes em todos os passos dos processos de legalização. Acentua-se a lógica do migrante-coisa, na medida em que o esforço permanente dos Estados, seja o de origem, seja o receptor, é pela apropriação crescente do valor que é produzido por essas pessoas. De cidadão, o migrante transforma-se apenas em cidadão-trabalhador¹¹ e, como tal, tem valor apenas como portador de mão de obra. Por um lado, vale para o governo receptor, pois dá lucros e paga multas, por outro, ao Estado de origem, pois remete dinheiro. Todo esforço do governo brasileiro e dos bancos em facilitar a remessa de dinheiro, sem discutir a situação do emigrante (em termos de cidadania), indica o tratamento coisificado do emigrante (MACHADO, 2005).

¹¹ SPADACIO (2004, 9) afirma que “Pude perceber durante as análises que os ‘direitos humanos’ dos imigrantes estão cada vez mais direcionados para os ‘direitos trabalhistas’ dos estrangeiros, ou seja, a pessoa deixa de ser um cidadão para ser um trabalhador”.

O acesso de brasileiros migrantes aos serviços públicos dos respectivos países de destino é variável. Uma distinção fundamental que atravessa todos os grupos é aquela entre a legalidade e a ilegalidade. Imigrantes legais têm direito de acesso aos serviços de saúde e educação garantidos, por exemplo. Imigrantes indocumentados têm possibilidades diferentes de acesso conforme os países, porém as possibilidades, mesmo quando existem, são minoradas pelo medo constante de se expor ao perigo de revelar a própria ilegalidade.

Nos EUA, a questão do nascimento de filhos em solo americano é fundamental: nascidos nos EUA são americanos (SALES, 1999b). Mas aqueles não nascidos têm maiores problemas: têm que conseguir os números do **social security** de qualquer maneira, e ao fazerem-no acabam por pagar impostos aos cofres públicos americanos sem direito ao ressarcimento. A questão do acesso ao ensino dos filhos de imigrantes nos EUA é muito relevante e Sales (2001) demonstra como a predominância absoluta do mundo do trabalho entre os brasileiros resulta numa falta de preocupação com o ensino e uma condução dos filhos para o mercado de trabalho muito cedo. Sales (2001, nota 3) também indica como o ingresso dos filhos de imigrantes nascidos no Brasil no **college** é permitido apenas aos que têm a situação legalizada, que representa uma minoria entre os jovens. Assim, aos imigrantes indocumentados apenas o ensino básico é permitido.

As dificuldades têm aumentado ainda mais no decorrer do “pós 11 de setembro”, já que policiais são mais incisivos na exigência de passaportes e vistos, há a impossibilidade de renovar a carteira de motorista sem o cartão de seguro social, escolas agora passam a checar passaportes e vistos e negam a matrícula às crianças que não os têm (JESUS, 2003, p. 112). Menezes indica que mesmo quando há o acesso à escola, nos EUA, parece haver uma tendência a que os programas oferecidos aos alunos sejam os de conteúdo mais básico, devido a uma falta de conhecimento aprofundado do inglês. O resultado é uma formação escolar

mais fraca. (MENEZES, 2003, p. 170). Mesmo a importância das igrejas como articuladoras de identidades entre os brasileiros nos EUA (MARTES, 1999) resulta numa crítica por parte de alguns brasileiros, pois segundo Sales (2001, p. 368-369) a centralidade dos cultos e das demandas religiosas estaria levando os pais a descuidar da educação dos filhos, no acompanhamento da vida escolar, etc.

A ilegalidade de brasileiros nos EUA significa que eles não podem voltar ao Brasil, pois teriam que passar por apuros para conseguir retornar (SALES, 1999a). Essa impossibilidade de deixar o país resulta num sofrimento emocional enorme, uma vez que se veem privados de rever familiares e amigos. O mesmo acontece com imigrantes indocumentados na Europa: têm a capacidade de circulação extremamente limitada, uma vez que sempre têm o risco de serem impedidos de entrarem novamente. Imigrantes indocumentados, portanto, têm o direito de circulação negado e, muitas vezes, são confrontados dolorosamente com essa realidade. Em casos de doença e crises familiares no Brasil, por exemplo, os emigrantes têm que tratar com um grande dilema: voltar ao Brasil e encarar os problemas e talvez não conseguir voltar ao país de emigração, ou não voltar e assistir de longe o sofrimento familiar.

Representações

As imagens dos brasileiros nos países de recepção são variadas e cada contexto oferece uma história particular de classificação e hierarquização (GROSSFOGUEL e GEORAS, 2000). Mas, de forma geral, podemos afirmar que os brasileiros se instalam nas camadas mais baixas da hierarquia social e de trabalho.

Torresan (1994) analisa brasileiros em Londres, em etnografia realizada entre 1991 e 1992. Os lugares de trabalho encontrados pelos brasileiros, além daqueles oficiais, relacionados à embai-

xada, eram: boates, cursos de lambada e samba, apresentações de capoeira e conjuntos musicais. Em Londres, os brasileiros sustentam-se também no mercado “étnico”, ou seja, aquele de venda de produtos variados para os próprios imigrantes, mesmo porque a barreira da língua dificulta o acesso a outros lugares de trabalho.

Para além disso, como demonstra Torresan, outras comunidades de imigrantes são reconhecidas pelo Estado britânico, obtendo uma série de prerrogativas que os brasileiros não têm. Os imigrantes reconhecidos, não por acaso, são aqueles oriundos do ex-império inglês. Os brasileiros eram vistos como imigrantes temporários pelo governo. O resultado desse não reconhecimento é que, segundo a autora, os brasileiros inventam uma tradição para “marcar uma identidade diferenciadora entre brasileiros e outros grupos nacionais (TORRESAN, 1994, p. 13)”.

Analisando a população imigrante na área metropolitana de Buenos Aires¹², Frigério (2002) afirma que a inserção de imigrantes brasileiros é melhor que a dos demais imigrantes sul-americanos. Para explicar essa vantagem, recorre a ideia de exotismo, como o lado bom do estereótipo. Os demais imigrantes são estigmatizados, enquanto os brasileiros são exotizados. Essa distinção não impede o autor de declarar que “uma integração baseada visivelmente em estereótipos, acaba por reforçá-los e (...) o caráter ambivalente dos mesmos pode levar, em diferentes condições, a uma nova estereotipação construída com elementos menos valorizados ou ativar velhos significados latentes” (2002, p. 38).

Esses significados latentes mencionados são o que eu chamaria de representações preexistentes sobre os brasileiros. Aqui encontramos um ambiente comparável a Portugal, onde os bra-

¹² Cerca de 30% da imigração brasileira dos cerca de 33.500 brasileiros em 1991. Metade dos brasileiros são trabalhadores rurais em Misiones (SPRANDEL, 2002).

sileiros têm uma representação anterior a sua chegada e, aparentemente, esta representação influenciará a adaptação dos imigrantes e mesmo a transformação destas mesmas imagens (MACHADO, 2003; FELDMAN-BIANCO, 2001). Vejamos: para Frigério (2002) a presença de brasileiros hoje é vista sob novas formas, nomeadamente por conta de uma valorização da cultura brasileira (principalmente a cultura negra), ativada pelo turismo intenso da década de 1990. Assim, duas ordens simbólicas explicam a imagem dos brasileiros: uma antiga, que os estigmatiza como “macacos”; e outra recente, que exotiza positivamente os brasileiros.

Essa vantagem natural do brasileiro em Buenos Aires reflete-se no mercado do exótico, onde muitos arrumam seu emprego, como em Londres. Mas, ao contrário dessa cidade, na Argentina os brasileiros não precisam se provar diferentes dos demais imigrantes, o que torna desnecessária uma reafirmação da diferença. Além de serem reconhecidamente diferentes, os brasileiros são vistos como portadores naturais de capitais simbólicos valorizados em Portugal: aos brasileiros “é atribuída uma **etnicidade que é avaliada de forma relativamente positiva** por possuírem **capitais culturais** admirados.” (FRIGÉRIO, 2002, p. 19). Assim, o mercado do exótico é necessariamente maior e mais capaz de criar empregos. Outras profissões são também executadas por brasileiros, nomeadamente aquelas que imigrantes realizam, como “limpadores de janela, pintores, mecânicos, artesãos, vendedores e outros (trabalhos) não especializados” (idem, p. 28/29).

Em Buenos Aires essa exotização é marcada pela baianização e também pela carioquice, como no Porto, Portugal (MACHADO, 2004a). É celebrada nos bares brasileiros, frequentados por argentinos que valorizam essa cultura negra, na opinião de Frigério. Por considerar a questão da raça em sua análise, Frigério percebe que os sujeitos se relacionam diferentemente com os estereótipos, ou seja: os negros e mulatos se encaixam melhor

nos estereótipos que os brancos: “Da mesma forma, enquanto o exotismo beneficia aos imigrantes de menores recursos econômicos, pode tornar-se rótulo desagradável para aqueles que chegam com maiores possibilidades e não precisam de valorização de sua etnia.” (idem, p. 38/39).

Podemos ver que o processo de exotização na Argentina é mais cheio de significados devido ao lugar do Brasil no universo simbólico argentino e ao incentivo do Estado a certo tipo de definição “étnica” da identidade. Mas o mercado de trabalho na Argentina e em Portugal ganha diferenças específicas, seja pela vontade de consumo do exótico, seja pela influência econômica do Brasil.

Outro contexto de não especificidade dos brasileiros são os EUA. Margolis afirma que em Nova York, lugar da sua pesquisa, “talvez o traço mais marcante dos brasileiros seja sua invisibilidade” (MARGOLIS, 1994, p. 44). Ou seja, os brasileiros não têm uma qualificação simbólica na hierarquia americana de alteridades. Assim, não há de antemão, lugares destinados aos brasileiros, que acabam trabalhando em vários ramos. O mercado do exótico não é o mais importante. Margolis afirma que os brasileiros se concentram no setor de serviços gerais mal remunerados: lavadores de prato, ajudante de garçom, engraxates, limpeza de apartamentos, empregadas domésticas, *babysitters*, serviços de manutenção, comércio ambulante etc.

O fato é que os brasileiros entram por baixo no mercado de trabalho, sem nichos muito consolidados e sem uma relevância muito grande do mercado do exótico como empregador. Ao contrário dos brasileiros na Argentina e Portugal, nos EUA os imigrantes sofrem um rebaixamento simbólico em relação à própria situação no Brasil. Além disso, são em geral associados como “hispanicos”, categoria desprivilegiada na América, tendendo ainda mais a um rebaixamento simbólico. As tentativas de diferenciação em relação aos hispanicos marcam a experiência dos brasi-

leiros justamente porque querem fugir dos estigmas ligados a essa classificação.¹³ Temos aqui o contrário do que acontece em Portugal e na Argentina: os brasileiros fogem das classificações que lhe são impostas, pois estas trazem apenas prejuízos.

Mas isso não quer dizer que não existam processos de exotização. Existem os músicos que tocam em casas noturnas, restaurantes especializados em comida brasileira. Mas nenhuma das pessoas que trabalha nesse ramo vive exclusivamente dele, em geral dividem este emprego com outros (MARGOLIS, 1994, p. 234). Um outro ramo mais relacionado a uma suposta especificidade cultural brasileira é aquele ligado às artes do corpo: manicures, cabeleireiros, esteticistas e, principalmente, *go-go girls*.

O trabalho de *go-go girls* pode ter relação com uma construção nacional brasileira da sexualidade como uma propriedade exacerbada no brasileiro. Podemos pensar que a prostituição de brasileiras em Portugal e Argentina e o trabalho de *go-go girls* em Nova York representam algo de específico das brasileiras, como também o trabalho de prostituição de travestis na França, Itália, Suíça etc. Mas, de qualquer forma, se isso diz alguma coisa do Brasil, ao mesmo tempo acontece de várias formas diferenciadas. Margolis afirma que embora o trabalho de *go-go girl* entre brasileiras em Nova York seja famoso entre os próprios brasileiros, há muito mais empregadas domésticas que *go-go girls*. O fato é que nesse ramo, as brasileiras são maioria nos bares da área metropolitana da grande Nova York (MARGOLIS, 1994, p. 234-242). Sendo assim, é difícil imaginar que não haja em processo uma sexualização da mulher brasileira entre os não-brasileiros, produzindo uma forma de “exotismo negativo”, nos termos de Frigério e Dominguez. Na área metropolitana da Grande Nova York, “cerca de 80 por cento (das *go-go girls*) são brasileiras” (MARGOLIS, 1994, p. 254). Há até shows que anunciam **apenas** mulheres brasileiras, indicando

¹³ A exceção é a experiência de brasileiros em Miami, onde a hispanicidade é valorizada (OLIVEIRA, A., 2003 e RESENDE, 2003).

que talvez algum lugar específico para a imagem do Brasil esteja sendo construindo através da exotização e exploração da sexualidade (ver MAIA, 2001).

Outro trabalho sobre brasileiros nos EUA, desta vez em Framingham (Grande Boston), indica um certo reconhecimento dos brasileiros por parte da sociedade americana. Sales (1999) realizou sua pesquisa de campo entre agosto de 1995 e janeiro de 1996. Para ela, ao menos na Grande Boston, os brasileiros são apresentados na imprensa americana como *hardworkers* (SALES, 1999a, p. 15). Ela afirma que 15 matérias de jornal publicadas no Boston Globe ofereciam uma imagem positiva dos brasileiros (idem, p. 179). Mas ela também indica a mesma tentativa de separação dos hispânicos. Alguns anos depois do trabalho de Margolis, em outro contexto americano, os brasileiros parecem ter algum reconhecimento. Fato que certamente não é muito significativo, dada as contínuas descrições do problema em ser classificado como hispânico. Martes (1999), em pesquisa realizada entre 1996 e 1999, em Massachusetts, demonstra, por outro lado, que o mercado do exótico não tem muita relevância, mas o mercado “étnico”, ou seja, estabelecimentos comerciais variados para servir a comunidade brasileira, é importante. Martes também identifica uma tendência dos brasileiros em não se identificarem com os hispânicos (1999, p. 172), devido às desvantagens que tal associação pode criar.

Num universo simbólico americano, não há lugar para os brasileiros, que buscam separar-se da categoria “hispânicos”. Segundo Margolis,

a maioria (dos brasileiros) está convencida de que recebe um tratamento melhor por parte dos americanos quando deixa claro que não é hispânica. Falando francamente, os brasileiros afirmam que existe discriminação contra os hispânicos (...), e que se os americanos os confundem com hispânicos, eles também passam a carregar o peso do preconceito anti-hispânico. (MARGOLIS, 1994, p. 376).

A autora defende a ideia de uma invisibilidade dos brasileiros nos EUA, o que se comprova pelo dilema do censo norte-americano de 1990, no qual não havia uma categoria para os brasileiros se definirem. Isso quer dizer que os brasileiros não têm um lugar específico nos universos simbólicos norte-americanos. Nos EUA, a bibliografia relata sempre, e de forma sistemática, o dilema de brasileiros de se verem classificados como “hispânicos”. Dada a alta rejeição e preconceito aos quais os hispânicos estão sujeitos, os brasileiros, que além de tudo não são falantes de espanhol, procuram não ser identificados como tais. Mas isso não é tão simples assim, uma vez que não escapar das classificações sociais não é uma opção individual. De qualquer forma, entre brasileiros e entre brasileiros e empregadores, a distinção entre hispânicos e brasileiros é um eixo central na organização de identidades coletivas: brasileiros se definem contra a hispanicidade, contra a preguiça que atribuem aos hispânicos (SALES, 1999).

Uma questão importante, portanto, é a importância de dar visibilidade à comunidade brasileira (RIBEIRO, 1999), como forma de apresentar um contraponto às representações correntes. O mesmo acontece em Londres (TORRESAN, 1994), onde brasileiros não são sequer reconhecidos como imigrantes estáveis e vistos como uma população “de passagem”. Nesse contexto de necessidade de exibição de uma identidade coletiva, grandes rituais, como os desfiles de escolas de samba, são importantes para expor uma brasilidade, em geral exotizada.

Outro contexto interessante para refletir é o caso dos brasileiros no Japão. No Japão, o desejo da imigração brasileira deve-se ao desejo dos governos japoneses de requisitar mão de obra entre emigrantes e seus descendentes, como forma de evitar uma imigração absolutamente estrangeira. Segundo Kawamura (1999), seria o “retorno dos semelhantes, física e culturalmente condizente com a valorização da consanguinidade na definição do parentesco e nacionalidade” (KAWAMURA, 1999, p. 36). Percebe-se que o Japão não é “aberto à diferença”, repudiando a

experiência de imigração indocumentada de coreanos, filipinos e chineses (idem, p. 51). A preocupação é estabelecer uma “alteridade controlada”, ou seja, investir na imigração de supostos semelhantes, como os brasileiros descendentes de japoneses e seus familiares (muitos deles sem ascendência nipônica).

Segundo Kawamura “os imigrantes brasileiros (...) passaram a conviver compulsoriamente com a população japonesa, para a qual, gradativamente, esses imigrantes, a despeito da aparência e ascendência etnocultural semelhantes, eram efetivamente **estrangeiros**” (KAWAMURA, 1999, p.38). A expectativa era que se tratassem de semelhantes, sem, portanto, imaginar entre essa população especificidades brasileiras que, entretanto, são descobertas no processo de inserção na sociedade japonesa. O mercado do exótico parece ser relevante apenas entre os próprios brasileiros na narrativa de Kawamura, e o mercado de trabalho centrado no trabalho fabril desqualificado parece comprovar esse pressuposto. Ao mesmo tempo, os brasileiros têm um privilégio pela ascendência, tendo sido diferenciados dos demais trabalhadores estrangeiros sem ascendência japonesa.

A política migratória japonesa é restrita aos descendentes e, segundo Kawamura, isto “condiz com a valorização da consanguinidade na definição do parentesco-nacionalidade e com a postura cultural de busca do consenso, homogeneidade e continuísmo; e afastamento do conflito, desarmonia e diferença, em uma ótica funcional e positiva da sociedade” (KAWAMURA, 1999, p. 205). Para uma imaginação japonesa, os descendentes não são ou não deveriam ser diferentes, e os conflitos surgem da constatação da inevitável diferença. A dinâmica da comunidade brasileira é baseada justamente nessa diferença, acentuando o valor de um mercado “étnico” de coisas brasileiras para os brasileiros no Japão.

Gênero

Jesus (2003) indica como a situação das mulheres brasileiras muda nos EUA: casamentos são desfeitos, surgem novos relacionamentos e as imigrantes conseguem uma independência que não tinham (JESUS, 2003, p. 109). DeBiaggi (2003) indica que este contraste entre um arranjo familiar mais conservador (brasileiro) e um papel da mulher mais liberado (na sociedade americana), “emergem como uma ameaça à união familiar, sendo a separação dos casais relatada como a temerosa consequência desta ‘adversidade.’” (DEBIAGGI, 2003, p. 177). O que acontece é que as mulheres se encontram numa situação nova de independência financeira e num ambiente cultural propício à modernização do papel feminino e, por isto, começam a questionar os antigos padrões de relacionamento estabelecidos. Assim, ao mesmo tempo em que a mulher brasileira nos EUA aparece como mais segura e independente, a separação de casais foi uma das consequências deste processo (DEBIAGGI, 2003, p. 191).

Por outro lado, DeBiaggi indica que também ocorre mudanças no comportamento masculino, como decorrência dessa nova situação: maior envolvimento no cuidado com os filhos, maior participação nas tarefas doméstica etc. Isso resulta numa maior qualidade de relacionamento conjugal. (DEBIAGGI, 2003, p. 194). Assis (2003, p. 200) também acentua o fato das relações entre homens e mulheres brasileiras imigrantes serem reconstruídas no processo da imigração, com a reorganização das tarefas ‘masculinas’ e ‘femininas’.

Sobre as novas relações entre brasileiros e brasileiras nos EUA, Assis indica que elas continuam a ocorrer, porém há uma frequência muito maior de brasileiras que se casam com estrangeiros do que de homens (ASSIS, 2003, p. 225). Há claramente uma relação hipergâmica marcada por gênero: mulheres casam hipergamicamente (com estrangeiros), homens não. Ribeiro também indica (1999, p. 76-77) como esse fato é co-

num, para o caso dos brasileiros em São Francisco, onde as mulheres casam-se muito mais frequentemente com estrangeiros que os homens. Vemos que os homens estão numa relação de dificuldades e desvantagem em termos de mercado matrimonial. É de se destacar a relação íntima de brasileiros e portugueses nos EUA, pois cerca de 25% dos casamentos com estrangeiros em São Francisco ocorre com portugueses. Essa proximidade foi notada também por Martes (2001), Menezes (2003), Sales (1999), Margolis (1994), entre outros. Assis indica que também na Itália o casamento de mulheres brasileiras com estrangeiros é relevante (ASSIS, 2003, p. 225). Bógus e Bazzanesi (1998, p. 9) indica que cerca de 70% dos jovens adultos na Itália são compostos por mulheres. Indicam que, entre as mulheres casadas, também 70% estão casadas com italianos (BÓGUS e BAZZANESI, SD, p. 6).

Esta tendência mais ou menos geral de hipergamia feminina é contrastada a uma imagem não tão auspiciosa da mulher brasileira nos diversos lugares de imigração brasileira. Como vimos acima, Margolis (1994) e Ribeiro (1998) indicam uma sexualização da imagem da mulher brasileira nos EUA. Os trabalhos sobre brasileiros na Argentina (FRIGÉRIO, 2002; FRIGÉRIO e DOMINGUES, 2002), Portugal (MACHADO, 2004a; FELDMAN-BIANCO, 2001a, 2001b, 2002; PONTES 2004) e Itália (BÓGUS e BASSANESI, 1998, 2001 e sd) também indicam uma sexualização profunda da imagem da mulher brasileira nestes diversos contextos. Juntamente à sexualização, há a ocorrência sistemática de prostituição de brasileiras, brasileiros e transexuais brasileiros. Machado (2004a) e Pontes (2003) discutem especificamente o efeito dessa relação entre sexualização e prostituição no cotidiano dos brasileiros em Portugal, demonstrando que a tendência à hipergamia feminina, o preconceito contra as prostitutas e uma configuração majoritariamente masculina da imigração montam um cenário de restrições ao “mercado da paquera”, cujo controle passa a ser um dos mecanismos de poder entre intermediários com acesso a redes familiares portuguesas.

Pode-se dizer que a venda de uma imagem sexualizada do Brasil, para fins de promoção de turismo e para a configuração de um discurso nacional marcado pela mestiçagem “num sentido só” (MOUTINHO, 2004), articulam-se com a prática de imigrantes brasileiros em diversos contextos produzindo tanto o fenômeno da hipergamia feminina como o da prostituição. Os efeitos desse processo remetem a todos os imigrantes, uma vez que a relação entre Brasil e sexualidade exacerbada tende a produzir preconceitos em contextos diversos.

Conclusões

No que se refere ao acesso à cidadania, vemos que a experiência dos migrantes internacionais brasileiros foi e é essencialmente dramática. Grande parte da bibliografia não lida diretamente com essa questão, preocupada mais em descrever o perfil dos imigrantes, por um lado, ou com questões essencialmente identitárias, por outro. Alguma produção sobre os brasileiros nos EUA chama a atenção para o fato de que, do ponto de vista dos imigrantes, mesmo em situação de indocumentação, há até um aumento na cidadania. Essa percepção derivaria de um diferencial entre um certo *quantum* de cidadania que cada país oferece aos seus cidadãos. O “estoque” brasileiro de cidadania seria tão menor que o norte-americano que mesmo o imigrante indocumentado sentir-se-ia mais cidadão. As diferenças, entretanto, manifestam-se em detalhes: ao não ser discriminado por se vestir mal, como no Brasil, ao não ser discriminado por executar tarefas pouco qualificadas, como no Brasil etc. Em outros casos, a percepção da cidadania depende do acesso ao trabalho, o que justificaria uma vida indocumentada e vulnerável no exterior: o Brasil, lugar do desemprego, aparece como lugar sem cidadania. Oliveira (2004) indica que a própria condição de indocumentalidade (não-cidadãos) pode ser estrutural e, de certa forma, constitutiva dos processos identitários dos imigrantes.

Mas um enfoque na construção da identidade dos grupos de imigrantes brasileiros e suas percepções sobre a migração não podem ser lidas sem um contraste efetivo entre o que é a cidadania plena de um natural do país para onde se emigra e um indocumentado. Nesse sentido, virtualmente todos os textos, mesmo que tangencialmente, ilustram a enorme fragilidade desses trabalhadores no mercado de trabalho. E como o trabalho é uma questão central, podemos afirmar que a maior parte dos brasileiros no exterior vive ou numa situação de não-cidadania ou, quanto muito, numa cidadania de segunda, terceira ou quarta classe.

Como vimos, os brasileiros imigrantes fazem parte de uma nova ordem mundial, refletida nas direções dos fluxos de pessoas. Saídos de um país de “terceiro mundo”, rumo aos ricos países do primeiro mundo, ou saindo do Sul para o norte, esses brasileiros são inseridos em rígidas hierarquias nas quais estão, em geral, em situação de pouco acesso à cidadania. Vemos que a permanência estrutural de uma grande parte de brasileiros na “ilegalidade” resulta numa fragilização e num completo isolamento em relação ao acesso a direitos. Devemos ter sempre o cuidado de tratar dessa situação, porém, sem recorrer aos conceitos carregados de valores: a ideia de ilegalidade, como demonstra Oliveira (2004) é em si preconceituosa, pois marginaliza, em vários sentidos, a presença dos imigrantes. Preferível tratar desses imigrantes como “sem documentos”, uma categoria que não estigmatiza os trabalhadores imigrantes. Na verdade, a própria ideia de “imigrantes” já vem carregada de um simbolismo preconceituoso, como demonstra Cavalcanti (2005). Em países ricos, os imigrantes são os não-nacionais que vieram de países pobres, enquanto aos que vieram de países ricos, a esses não se chamam imigrantes.

“Imigrantes ilegais”, portanto, é uma categoria duplamente preconceituosa e carregada: acentua a ideia de pobreza extrema com a de criminalidade. Não apenas pobres, mas perigosos; não

apenas não documentados, mas suspeitos. Essa suspeição que paira sobre os imigrantes em geral fica evidenciada no tratamento conferido aos imigrantes no pós 11 de setembro nos EUA. E é nessa categoria duplamente estigmatizada que brasileiros vão viver suas vidas no exterior. Não é por menos que a relação entre imigração e legislações de controle e antiterroristas andam cada vez mais juntas.

Mesmo para aqueles, também numerosos, que conseguiram ascender à condição de “legais” a vida não é tão simples. Paira sobre esses a mesma suspeição que paira sobre os não-documentados: a condição da legalidade pode ainda ser retomada em movimentos de restrição cada vez mais comuns. Mesmo as legislações de “legalização” de não-documentados na Europa, por exemplo, acabaram por criar um cidadão de segunda classe. A verdade é que estão sem direitos plenos, dado que sua permanência depende sempre do empregador. Uma vida sob constante ameaça de ser banido, este é o cotidiano de milhares de brasileiros no exterior. Como outros imigrantes, brasileiros operam cada vez mais como mão de obra quase escrava, pois que as legislações têm buscado fazer deste trabalhador um dependente do capital em todos os sentidos. Uma cidadania de segunda classe, este é o horizonte de muitos trabalhadores imigrantes legalizados; quando estão não-documentados, o horizonte é uma quase completa falta de cidadania.

Os brasileiros, em geral, encontram-se desprotegidos nos Estados de destino. Grande parte da bibliografia trata dessa falta de assistência, dos problemas gerados pela vulnerabilidade. Isso é verdade em relação às legislações, aos serviços de assistência social, de saúde, enfim, daquilo que se refere às obrigações do Estado. Mas encontram amparo nas redes sociais que lentamente foram se formando e oferecendo o contraponto ao desamparo sistemático: familiares, amigos, conhecidos. Redes que formam comunidades, que apresentam mecanismos tanto de assistência como de controle social. É na densa organização gradual das re-

des que esse movimento de pessoas se estrutura e enfrenta a condição de estigmatização peculiar dos imigrantes no mundo atual.¹⁴

Referências

AROUCK, Ronaldo. Brasileiros na Guiana Francesa: um grupo em via de integração?. In: **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar Aqui..., Estar Lá...: Uma Cartografia da Emigração Valadarense para os EUA. In Sales e Reis (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In. **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

ASSIS, Gláucia. “De Criciúma para o mundo” – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A . C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BARRETO, L.P.T.F. Considerações sobre a imigração no Brasil Contemporâneo. In: **CNPD. Migrações internacionais - Contribuições para políticas**. Brasília, DF: 2001. p. 63-72.

BERETS, Clarissa. **Brasileiros em situação ilegal se fazem passar por portugueses para trabalhar em fábricas no Reino Unido**. Folha de São Paulo, 27/6/04.

¹⁴ Obviamente, há inúmeras exceções. Casos de sucesso, em geral narrados espalhadamente na mídia. Processos de adaptação menos traumáticos. Há também acesso a direitos que eram constantemente negados no Brasil. Vimos que muitas mulheres, por exemplo, conseguem uma independência que só pode ser vista positivamente. Autores demonstram como brasileiros se surpreendem com a cidadania construída para os nacionais dos lugares para onde migraram. Assim, mediante estas constatações, resta lembrar que esses trabalhadores estão fugindo de situações também nada cidadãs, fugindo de uma falta de perspectiva latente para as classes menos favorecidas, incluindo aí a classe média, cada vez mais comprimida. O fato é que numa comparação entre o que os espera no Brasil e todas as dificuldades que encontram no exterior, muitos brasileiros preferem a vulnerabilidade da condição imigrante a um futuro sem perspectivas no Brasil.

BÓGUS, Lúcia e BASSANEZI, Maria Silvia. **Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social**. Mimeo, sd.

BÓGUS, Lúcia e BASSANEZI, Maria Silvia. Imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século. In SPM, CEM, CNBB, LGU e CSEM (orgs.). **O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio: desafios pastorais**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998.

BÓGUS, Lúcia e BASSANEZI, Maria Silvia. Brasileiros (as) na Itália: Nuovi cittadini ou extracomunitari?. In: **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília, CNPD, 2001.

CARIELO, R. Brasileiros ilegais nos EUA batem recorde. **Folha de São Paulo**, 04/07/2004.

CARVALHO, J. A. M. ; MAGALHÃES, M. V. ; GARCIA, Ricardo Alexandrino ; SOARES, W. . Estimativa dos Saldos Migratórios Internacionais e do Número de Migrantes Internacionais das Grandes Regiões do Brasil: 1986/1991 e 1991/1996. In: **Migrações Internacionais Contribuições Para Políticas**, Brasília, p. 243-252, 2001.

CAVALCANTI, Leonardo. Imigrante na cidade: paradoxos e pleonasmos. **Travessia**, janeiro/abril, nº 51, 2005.

DE GENOVA. Nicholas P. "Migrant 'Illegality' and Deportability In: Everyday Life" In **Annual Review of Anthropology**, vol. 31 (1), 2002.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FELDMAN-BIANCO, B. Immigration, Cultural Constestations and the Reconfiguration of Identities. **Journal Of Latin American Anthropology**, Estados Unidos, v. 4, n. 2, p. 126-141, 2000a.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Colonialism as a continuing project: the Portuguese Experience, In: **Identities Global Studies In: Culture and Power**, VIII (4). 2001a.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians In: Portugal, Portuguese In: Brazil: constructions of sameness and difference. In **Identities Global Studies In: Culture and Power** Vol 8(4), 2001b.

FELDMAN-BIANCO, B. Portuguese no Brasil, brasileiros em Portugal: Antigas rotas, novos trânsitos e reconfigurações de semelhanças e diferenças culturais. In: RAMALHO, Maria Irene, Sousa Ribeiro, António. (Org.). **Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade**. Porto, 2001c, v. , p. 143-182.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Entre a fortaleza da Europa e os laços afetivos da “irmandade” luso-brasileira: um drama familiar em um ato só. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, BASTOS, Cristiana, ALMEIDA, M. V. (coords.) **Trânsitos coloniais: diálogos cruzados luso-brasileiros**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

FERNANDES, Duval, & Castro, Maria da Consolação G. de. (2013). Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 21(41), 99-116.

FRIGÉRIO, Alejandro & Dominguez, Eugenia. Entre Brasilidade e Afro-Brasilidade: trabalhadores culturais em Buenos Aires. In: FRIGÉRIO, A. & RIBEIRO G., L. **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FRIGÉRIO, Alejandro. A alegria é somente brasileira. A exotização dos migrantes brasileiros em Buenos Aires. In: FRIGÉRIO, A. & RIBEIRO, G. L. **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FUSCO, Wilson e Sylvain Souchaud. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior, **Confins** [En ligne], V.9, 2010.

GOZA, Franklin. Brazilian immigration to Ontario. **International Migration**, vol. 37 (4), 1999.

GOZA, Franklin. Unemployment transitions among Brazilians In: the United States and Canada. **International Migration** vol. 41 (5), 2003.

GROSFOGEL, Ramon & Chloe, Georas. Coloniality of power and racial dynamics : notes towards a reinterpretation of latino caribbeans In: New York city, **Identities**, vol. 7, nº 1, 2000, 85-125.

HIRANO, Fábio Yoití. O caminho para casa: o retorno dos dekasseguis. Campinas: **Núcleo de Estudos de População/Unicamp**, 2008.

JESUS, Sonia Melo. Protagonistas de um Brasil imaginário: Faxineiras brasileiras em Boston. In: MARTES, A . C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KAWAMURA, Lili Katsuco. **Para onde vão os brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural**. Campinas, tese de livre docência, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999.

KAWAMURA, Lili Katsuco. A questão cultural e a Discriminação Social na Migração de Brasileiros ao Japão. In CNPD, **Seminário Internacional Migrações Internacionais - Contribuições para Política**. Brasília, CNPD, 2001.

LINGER, Daniel Touro. **No one home: Brazilians selves remade In: Japan**. Stanford: Stanfor University Press, 2001;

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal**. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto. **Cadernos Pagu** (23) 2004a.

MACHADO, Igor José de Renó. Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. *Lusotopie* (Paris), Paris, v. 2004, n.1, p. 121-142, 2004b.

MACHADO, Igor José de Renó. Implicações da Imigração Estimulada por Redes de Ilegais de Aliciamento – O caso dos brasileiros em Portugal. **Socius working papers**, nº 3, 2005.

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto**. 1. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009. v. 1. 256p.

MAIA, Suzana. **Stripping on the margins: Brazilian women immigrants and the new geography of New York City**. Mimeo, 2001.

MAISONNAVE, F. Captura de brasileiros nos EUA decuplica. **Folha de São Paulo**, 05/05/2005.

MARGOLIS, M. Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants In: New York City**. New Jersey, Princeton University Press, 1994.

MARTES, Ana Cristina Braga Os Imigrantes Brasileiros e as Igrejas em Massachusetts: In Sales e Reis (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999a.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999b.

MARTES, Ana Cristina Braga. A emigração brasileira e os pequenos empresários. In: **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília, CNPD, 2001.

MARTES, A. C. B. e FAZITO, D. **O (in)devido lugar - Narrativas de imigrantes negros brasileiros sobre raça e cidadania**. Trabalho apresentado Congresso Anpocs, Caxambu, 2004.

MENEZES, Gustavo Hamilton. Filhos da imigração: a segunda geração de brasileiros em Connecticut. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

NUNAN, Carolina, e João Peixoto. “Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal.” **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum** 20.38, 2012: 233-250.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. O caminho sem volta – classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

OLIVEIRA, Sérgio. Espaços e tempo de ilegalidade: a construção cotidiana do imigrante ilegal. Trabalho apresentado no **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, set., Coimbra, 2004.

PALAU, Tomás. “Brasiguaios”. In: **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

PEIXOTO, João e FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In Malheiros (org.) **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.), 2007.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu** (23) 2003.

PONTES, Luciana. **Mulheres Imigrantes Brasileiras em Lisboa, Portugal**. Mimeo. 2004.

RESENDE, Rosana. Brasileiros no Sul da Flórida – Relatos de uma pesquisa em andamento. In: MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Identidade brasileira no espelho interétnico: Essencialismos e Hibridismos em San Francisco**. Brasília, UnB, 1998, 22p.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa (orgs.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Ed. Boitempo, pp. 45-85, 1999.

ROSSINI, Rosa Éster Lugar para viver e aqui, lugar para sobreviver e a migração internacional do Brasil para o Japão.. In: **XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte, ABEP, 2000, 14p.

ROTH, Joshua Hotaka. **Brokered Homeland: Japanese Brazilian migrants In: Japan**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.

SALES, Teresa. Novos fluxos migratórios da população brasileira. In **Revista Brasileira de Estudos de População**, nº1, vol. 9, jan./jul., 1992. (50/65)

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo, Ed. Cortez, 1999a.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, Estados Unidos. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (orgs.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo, Ed. Boitempo, pp.17-44, 1999b.

SALES, Teresa Segunda Geração de emigrantes brasileiros nos EUA: **Migrações Internacionais - contribuições para políticas**. Brasília, CNPD, 2001.

SCUDELER, Valeria Cristina Imigrantes Valadarenses no Mercado de Trabalho dos EUA. In Sales e Reis (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.

SIQUEIRA, Sueli. O retorno motivado pela crise na economia norte americana return motivated by economic crisis In: north america. **Tempo e Argumento** 1.2 (2009): 64-79.

SPADACIO, Cristiane. **Relatório parcial de pesquisa do projeto “Políticas de Imigração no Portugal Pós-Colonial”**. Período de ago/2003 a jan/2004. Unicamp, Campinas, 2004, mimeo.

SPRANDEL, Marcia Anita. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 1992.

SPRANDEL, Márcia Anita. Aqui não é como na casa da gente...: comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai, In Frigério & Ribeiro. **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis, Vozes, 2002.

TORRESAN, Ângela M. Controles de imigração e estratégias de negociação frente à construção “oficial” da categoria imigrante: Brasileiros em Portugal e no Reino Unido. In Mimeo apresentado no **I Seminário sobre Emigração Brasileira** (co-organizado pela Casa do Brasil de Portugal e CEMI/IFCH/UNICAMP). Lisboa, novembro de 1997.

TORRESAN, Ângela M. **Quem parte quem fica: Uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres**. Tese de Doutorado. PPGAS/MN, Rio de Janeiro, 1994.

TORRESAN, Ângela. **Loud and Proud: immigration and Identity In: a Brazilian/Portuguese Postcolonial Encounter In: Lisbon, Portugal**. A thesis submitted to the University of Manchester for the degree of Doctor of Philosophy In: the Faculty of Social Sciences and Law, 2004.

TSUDA Takeyuki. The Stigma of Ethnic Difference: The Structure of Prejudice and "Discrimination" towards Japan's New Immigrant Minority. **Journal of Japanese Studies** 24(2), 1999a.

TSUDA Takeyuki. The Motivation to Migrate: The Ethnic and Sociocultural Constitution of the Japanese-Brazilian Return-Migration System. **Economic Development & Cultural Change**, Oct v48; 1999b.

TSUDA Takeyuki. Transnational Migration and the Nationalization of Ethnic Identity among Japanese-Brazilian Return Migrants. **Ethos: Journal of the Society for Psychological Anthropology** 27(2); 1999c.

TSUDA Takeyuki. Acting brazilian In: japan: ethnic resistance among return migrants. **Ethnology**. Wntr v39; 2000.

TSUDA, Takeyuki. **Strangers In: the Ethnic Homeland: Japanese Brazilian Return Migration In: Transnational Perspective**. New York, 2003a;

TSUDA Takeyuki. Domesticating the immigrant other: Japanese media images of nikkeijin return migrants. **Ethnology**, Fall v42 (17); 2003b.

YAMANAKA, K.. Return Migration of Japanese-Brazilians to Japan: The Nikkeijin as Ethnic Minority and Political Construct. **Diaspora** 5(1), 1996.

Recepção dos artigos: 30/06/2015

Data de aprovação 30/07/2015

